

**ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO
RESTAURA E DIGITALIZA JORNAL ABOLICIONISTA****Glaice Meire Machado**

Graduanda em Letras (FFCLH-USP) e funcionária do Núcleo de Biblioteca e Hemeroteca do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Julio Couto Filho

Mestre e doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Funcionário do Núcleo de Biblioteca e Hemeroteca do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Desde novembro do ano passado, o Arquivo Público do Estado de São Paulo se propôs a uma tarefa importante: restaurar, digitalizar e colocar de volta à consulta o jornal abolicionista *A Redenção*. Todo esse esforço (*veja detalhes do processo de restauração na reportagem a seguir*) tem uma razão de ser: o *Redenção* é considerado um dos veículos mais importantes da causa abolicionista, constituindo, portanto, fonte para pesquisadores interessados no estudo dessa época, e também para o público em geral. Até agora, entretanto, este estudo estava impossibilitado pelo estado de conservação precário em que o jornal chegou ao Arquivo.

Guardião de um volume considerável de documentação hemerográfica — mais de 300 mil exemplares entre jornais, revistas e publicações seriadas —, em 2008 o Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP) recebeu em regime de comodato o acervo de jornais e revistas do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP). Desde então, o APEESP tem trabalhado com zelo e afinco na catalogação e disponibilização deste rico conjunto documental (a hemeroteca do IHGSP é uma das maiores do Brasil em diversidade de títulos).

Embora conhecido de nome, o *Redenção* ainda é pouco estudado, devido à sua raridade e precariedade dos exemplares disponíveis para consulta no Brasil. A coleção do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, sob guarda do Arquivo Público do Estado de São Paulo, é a única conhecida (possui 135 dos cerca de 156 exemplares publicados). Tal coleção foi transferida ao Arquivo Público em 2008, junto a outros 6.128 diferentes títulos de periódicos. Embora esteja catalogada em base de dados, sua disponibilização não foi até agora concretizada em razão do estado precário de conservação no qual se encontra. Um projeto de restauro — já em curso — e posterior digitalização de toda a coleção permitirá seu manuseio e difusão em larga escala pela Internet, promovendo, assim, a divulgação que o periódico merece.

O jornal teve apenas dois anos de publicação contínua e regular (1887-1888), sendo que, após 13 de maio de 1888, as publicações são espaçadas por períodos maiores, geralmente de um ano, caracterizando as edições desse período como comemorativas. Sabe-se que, até o 13 de maio de 1890, foram publicadas 140 edições numeradas, além de uma extra e sem número, possivelmente em maio de 1888 (a edição não possui data). Depois disso, outras edições comemorativas surgiram. A coleção do IHGSP tem oito números especiais até 1899, embora não se possa afirmar que representem a totalidade.

O que se pode afirmar é que existem pelo menos 156 diferentes edições de *A Redenção*, contando que foram publicadas 140 edições numeradas até 13 de maio de 1890; uma comemorativa de 1888, não numerada; onze comemorativas anuais a partir de 1889, pois a última publicada é de 1899 e possui o número e ano 11; e, pelo menos, mais quatro no ano de 1897 que constam do acervo do IHGSP (27/junho/1897; 18/julho/1897; 22/agosto/1897; 30/setembro/1897). Estima-se, portanto, que foram publicadas, pelo menos, 156 edições. Das 140 edições numeradas, faltam a essa coleção à qual nos referimos apenas dezessete números (17, 84, 88, 91, 93, 95, 97, 103, 106, 111, 113, 115, 116, 121, 126, 127 e 130).

Celia Marinho de Azevedo (1987, p. 216) escreve, em nota sobre a raridade e o estado em que encontrou a coleção ao tentar consultá-la para seu trabalho (provavelmente nos anos 80):

Ao que eu saiba, existe uma única coleção completa deste jornal no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Esta preciosa coleção encontra-se num estado tão lastimável de conservação, esfarelado, rasgado, em frangalhos, enfim, que me foi extremamente difícil fazer esta leitura.

Veículo bissemanal, esta folha é considerada um dos mais importantes e influentes libelos abolicionistas de São Paulo. Sabe-se que era publicada em prelo localizado na antiga Igreja dos Remédios, demolida em 1943, e que na época situava-se no Largo da Cadeia (atual Praça João Mendes) onde hoje fica o Fórum de São Paulo. A Igreja dos Remédios era reduto de escravos, como a Igreja da Santa Cruz das Almas dos Enforcados, na Liberdade, ou a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, no Largo do Paissandu (existe outra com o mesmo nome na Penha, no Largo do Rosário, e que também serviu de refúgio para escravos).¹ Fato interessante, aliás, é que em 1891 o *Diário Oficial* começou a ser impresso no mesmo local e com o mesmo prelo em que *A Redenção* era impressa.

O jornal é de suma importância para a memória do processo abolicionista no Brasil, como expressa o quase contemporâneo Affonso de Freitas (1915):

1 (ARROYO, 1966, p. 175) O autor assim se refere à Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos que ficava no Centro Velho de São Paulo: “A igreja que foi fundada no antigo Largo do Rosário, confluência da hoje Rua São Bento, Avenida São João e Praça Antônio Prado, onde existiu até 1903, e hoje se encontra no Largo do Paissandu, vigilante das suas tradições e da sua curiosa história.” No bairro paulistano da Penha existe uma igreja de nome idêntico, que também foi reduto de escravos e permanece até hoje no Largo do Rosário.

A *Redenção* era um terrível pamphlete de propaganda da libertação incondicional do escravo, e lançava mão de todos os meios, inclusive o do ridículo para desmoralizar a causa dos escravocratas: orgam de uma associação secreta que se ramificava por todas as camadas sociaes, com representantes em todos os departamentos publicos e instituições particulares e cujas attribuições era informar o centro de tudo que interessar pudesse ao movimento abolicionista, A *Redenção* tornou-se um instrumento poderoso de apressamento da extincção do elemento servil, e inquestionavelmente foi quem mais contribuiu para o desbravamento do caminho que devia levar o governo imperial á decretação da lei áurea de 13 de Maio de 1888.

Dessa forma, o jornal se transformou em uma ferramenta para o grupo pró-abolição de São Paulo, onde figuravam o diretor Antonio Bento de Souza e Castro e ainda alguns políticos da época, como Bernardino de Campos.

Antonio Bento de Souza e Castro é apontado pelos estudiosos como sucessor de Luiz Gama² na luta pela abolição da escravatura no Brasil. O jornalista nasceu em 1843, filho de um farmacêutico, e formou-se em Direito em 1868, tendo atuado como promotor e juiz no município de Atibaia (AZEVEDO, 2007). Demitido do serviço público em 1875, instala-se na capital paulista em 1877 e a sua vida política inicia-se quando ingressa no Partido Conservador. Mas Antonio Bento aliava-se com indivíduos afiliados a outras correntes, contanto que fossem abolicionistas, como integrantes do *Partido Liberal*; e mesmo com liberais mais radicais, defensores do republicanismo que, antes de 1873, não dispunham de uma agremiação partidária. Se por um lado tornou-se provedor e líder intelectual da Confraria de Nossa Senhora dos Remédios, foi também liderança dos homens de ação que eram os caifazes.³ Quando Gama morreu, em 1882, Bento jurou, publicamente, continuar sua luta abolicionista.

Bento foi redator não apenas de *A Redenção*, mas de todo um conjunto de periódicos abolicionistas:

- *O Arado*. São Paulo, Typographia Commercial (1882-1883).
- *Jornal do Commercio: propriedade de uma associação commanditaria*. São Paulo, Typographia do Jornal do Commercio (1882-1884).
- *A Liberdade: orgam dos Abolicionistas*. São Paulo, Typographia da Liberdade (1888).

O Arado era um jornal picaresco da Faculdade de Direito do Largo São Francisco; *O Jornal do Commercio*, como o próprio nome indicava, era um veículo comercial e nada tem a ver com o

² Nome de maior prestígio na luta abolicionista, Luiz Gama, filho de mãe negra e pai branco – pelo qual foi vendido como escravo –foi analfabeto até os 17 anos. Aprendeu a ler e a escrever e chegou a estudar Direito, passando depois a atuar como advogado em São Paulo. Com esta formação, conseguiu libertar centenas de escravos. Faleceu em 1882, e hoje é considerado um dos mais influentes líderes abolicionistas brasileiros.

³ Os caifazes faziam campanha nas chácaras e fazendas para que os escravos fugissem, oferecendo o apoio logístico constituído de uma grande rede que os conduziria ao Quilombo do Jabaquara, situado em Santos. Dessa rede faziam parte os chamados *cometas*, que eram caixeiros viajantes; e também, funcionários de ferrovias, que ajudavam os escravos no deslocamento pelo interior até a chegada ao quilombo. Cf. AZEVEDO (1987, p. 216).

jornal homônimo do Rio de Janeiro; e *A Liberdade*, iniciada em 10 de maio de 1888, teve, em 17 de maio de 1888, uma edição comemorativa à assinatura da Lei Áurea, tendo sido publicada apenas nesse ano.

Antonio Bento assinava a edição de *O Arado* como Doutor Fausto (FREITAS, 1915, p. 598), numa alusão ao médico do romance de Goethe que havia vendido sua alma ao diabo. Este pseudônimo possivelmente era utilizado para evitar represálias, visto que o movimento abolicionista apenas começava a ganhar corpo, naquele início da década de 1880.

Por sua vez, o *Jornal do Commercio: propriedade de uma associação commanditaria*, editado pelo escritor naturalista Raul Pompéia, acolheu a ideia de criar um museu na Secretaria da Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios,⁴ tendo publicado:

A comissão encarregada de colecionar instrumentos de torturas aplicados aos escravos, fotografias de indivíduos que têm embaraçado a marcha abolicionista roga aos meus correligionários, quer desta Capital, quer do Interior, o obséquio de remetê-los à redação do “Jornal do Comércio”, acompanhados de documentos comprobatórios, como dispõe a circular que neste sentido recebemos. (ALVES, 1962, p. 66).

Nesse jornal, Antônio Bento era o redator-chefe e T. Militão de Miranda, o gerente. O *Jornal do Commercio* também tinha como redator Gaspar da Silva. O periódico era impresso em tipografia própria, a Typographia do Jornal do Commercio. Seu escritório de redação situava-se na Rua da Imperatriz, nº 49 (atual Rua 15 de Novembro). Assim como *A Redenção*, ele era um jornal de caráter comercial, mas, diferentemente de outros, inclusive abolicionistas e republicanos, não aceitava publicar anúncios de escravos fugidos, por determinação de Antonio Bento.⁵

Segundo o próprio bisneto de Antonio Bento,⁶ ele teria fundado o jornal em 1882, juntamente com Raul Pompéia. Tratava-se de um periódico comercial, literário e de notícias, publicado nos dias úteis com artigos de opinião, editais, anúncios, além de textos literários e de caráter abolicionista.⁷

4 (CONRAD, 1978, p. 294-295): “Na sacristia de Nossa Senhora dos Remédios, quartel-general dos caifazes, Bento reuniu uma coleção de instrumentos que, antigamente, haviam sido usados em escravos: chicotes de couro, coleiras, correntes, cangas e gargalheiras de ferro.” Cf., também, MENNUCCI (1934, p. 7, nota 1): “Nessa mesma Igreja, Antonio Bento, fazendo-a como que uma dependência do seu jornal, colecionava todos os instrumentos de tortura da raça desgraçada que os **caifazes** apanhavam, coleção que se foi enriquecendo a ponto de ser motivo para uma demorada visita dos curiosos, e que desapareceu, inexplicavelmente, sem deixar vestígios.”

5 Cf. *Idem, ibidem*, p.54 e seguintes. Cf; também, RODRIGUES, 2013, p. 219-224. Algo que ficou notório foram os espaços de disputas estabelecidos dentro dos jornais, sobretudo o *Jornal Diário de São Paulo* e o *Jornal do Commercio*. O primeiro veiculava os protestos dos senhores contra as ações dos advogados em prol dos escravos, como, por exemplo, Antonio Bento e os “caifazes”. Já o segundo, sob o comando de Raul Pompéia e Gaspar Silva, se posicionava a favor dos sujeitos escravizados e das ações de liberdade defendidas pelos advogados.

6 Cf. SOUZA E CASTRO, Luiz Antonio Muniz de. *Antonio Bento, abolicionista*. Biografia de um herói da Abolição da Escravatura é traçada por seu bisneto (monografia enviada em 30/08/2009 a Novo Milênio). Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0222p.htm>>. Acesso em: 07 maio 2014.

7 O acervo do IHGSP sob guarda do APESP possui o total de 4 exemplares (1883-1884).

Em 4 de maio de 1888, Antonio Bento se retira com os amigos da redação de *A Redempção* devido a dissensões com os proprietários do jornal; e, portanto, não comemora a assinatura da *Lei Áurea* como seu redator.

Retirei-me da redacção d'*A Redempção*, para formar uma outra folha com o título *A Liberdade*.

Nunca auferi o mais insignificante lucro desse jornal.

A Liberdade será uma continuação d'*A Redempção* com o mesmo estilo e os mesmos colaboradores." S. Paulo, 4 de Maio de 1888. Antonio Bento.⁸

A partir de 6 de maio de 1888, o nome de Antonio Bento não mais aparece no cabeçalho do jornal como redator-chefe, mas tão somente o nome dos proprietários Diniz & Sol, que publicaram uma nota explicativa na primeira página dessa mesma edição:

Retirou-se da redacção desta folha o nosso distinto amigo dr. Antonio Bento de Souza e Castro.

Durante longo tempo auxiliou-nos com a sua inexcidível coragem e resolução, combatendo sem reservas os homens por mais bem collocados que estivessem e as instituições por mais poderosas que fossem, concorrendo assim ao lado de numerosos amigos que nos auxiliaram, e cujo prestimo ainda solicitamos para o feliz exito a que chegou a causa abolicionista nesta provincia.

Agradecendo os seus bons e inolvidaveis obsequios desejamos, para o novo jornal que S. S^a vae fundar, carreira tão propicia como aquella que a sua cooperação nos ministrou.

Em 10 de maio de 1888, Antonio Bento funda o jornal *A Liberdade*, um periódico publicado duas vezes por semana e apenas durante esse ano; sendo que, em 17 de maio, é publicado um número comemorativo em homenagem à *Lei Áurea*. Os artigos publicados nele refletiam a opinião de seus redatores; mas também publicava notícias, folhetins (*A Cabana do Pai Tomás*) e anúncios. Esta publicação também merece destaque não somente pela continuidade dada à produção intelectual de Antonio Bento, interrompida em *A Redempção*, como também pela publicação da própria biografia de Bento.⁹

A Liberdade: orgam dos Abolicionistas, que era publicada por uma empresa de São Paulo pertencente a Elias, Pinto e Cia., por seu turno possuía uma tipografia própria, a *Typographia da Liberdade*. Sua redação situava-se na Rua do Imperador, nº 21.¹⁰

Dentre todos os jornais citados, Affonso de Freitas acredita ter sido *A Redempção* o instru-

8 Jornal *A Província de São Paulo* (atual *O Estado de S. Paulo*). Texto transcrito por FREITAS, Affonso A. de, 1915, p. 334. e por nós atualizado.

9 Cf. RODRIGUES, 2013, p. 219-224.

10 *A Liberdade*, segundo FREITAS (1915, p. 654), possuía o mesmo estilo e colaboradores de *A Redempção*. O acervo do IHGSP sob guarda do APESP possui dois exemplares desse jornal: justamente o de 17/05/1888 e o de 14/06/1888.

mento que mais contribuiu para a decretação da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888. O reconhecimento de sua influência e importância nesse marco histórico não é recente. Outros jornais, também empenhados na causa, referem-se ao *Redempção* como um dos periódicos mais relevantes, chegando a receber o título de *jornal sagrado*.¹¹

Nas páginas do *A Redempção*, encontramos relatos, cartas, opiniões e os destaques da trajetória abolicionista no estado de São Paulo e no Brasil. O jornal também tinha uma seção intitulada “Álbum abolicionista”, com relatos de alforrias concedidas em qualquer província do Império. Em 1888, o jornal acompanha com suas matérias o decorrer do processo abolicionista praticamente dia após dia, e continua a ser publicado – com periodicidade mais indefinida – até 1899, registrando a lenta transição do processo abolicionista e a instauração da República no Brasil.

É importante destacar que *A Redempção* não era apenas um veículo de comunicação abolicionista; caracterizava-se também como um periódico comercial. Isto significa que a publicação se sustentava pelo patrocínio que recebia dos comerciantes que nela anunciavam e que, não necessariamente, eram partidários do movimento abolicionista; muito embora houvesse comerciantes simpáticos e envolvidos com a causa.

A Redempção também era expressão intelectual da Confraria de Nossa Senhora dos Remédios na divulgação do que pensavam seus integrantes, suas crenças e ideologias: por vezes tomando posições anticlericais e positivistas, como era comum no final do período imperial, entre grupos que defendiam o ideário republicano.

De fato, o jornal possui um conteúdo que relata toda uma história. A história de um grupo de pessoas incomodado com a situação precária e desumana dos negros. Relatos de uma luta sofrida porém vitoriosa ainda vivem nas páginas dessa coleção que o Arquivo Público do Estado de São Paulo, agora, pode oferecer a qualquer “espírito estudioso que queira algum dia, escrever a história da nossa propaganda” (*A Redempção*, 13 maio 1895).

Referências

ALVES, Henrique L. *O Fantasma da Abolição*. São Paulo: Massao Ohno – Roswitha Kempft (coedição com a Secretaria de Estado da Cultura: Comissão de Geografia e História), 1962.

ARROYO, Leonardo. *Igrejas de São Paulo*. 2. ed., v. 331. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasileira, 1966.

¹¹ ALVES, Henrique L. *O Fantasma da Abolição*. São Paulo: Massao Ohno – Roswitha Kempft (coedição com a Secretaria de Estado da Cultura: Comissão de Geografia e História), 1962. p. 75. A frase completa, de Eugênio Zarco da Câmara Loureiro, é: “Segundo meu modo de pensar, o jornal que v.s. publica – *A Redempção* – é um jornal sagrado, devotado à causa da liberdade, e que tem de fazer tudo pela realização de sua idéia magnânima.”

AZEVEDO, Celia Marinho de. *Onda Negra, Medo Branco: O negro no imaginário das elites século XIX*. São Paulo: Paz e Terra, 1987. (Coleção Oficinas de História, v. 6. p. 216).

AZEVEDO, Elciene. Antonio Bento, homem rude do sertão: um abolicionista nos meandros da justiça e da política. *Locus, Juiz de Fora*, v. 13, n. 1, p. 123-143, 2007.

CARDIM, G. *A Redenção: folha abolicionista*. (Edição Commemorativa). São Paulo, 13 maio 1895, p. 1.

CONRAD, Robert. *Os Últimos Anos da Escravatura no Brasil: 1850-1888*. 2. ed. Tradução de Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

FREITAS, Affonso A. de. *A Imprensa Periodica de São Paulo desde os seus primórdios em 1823 até 1914*. São Paulo: Typ. do Diario Official, 1915. p. 315-316.

MENNUCCI, Sud. *História do "Diario Oficial": São Paulo (1891-1933)*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1934.

RODRIGUES, Rejane Trindade. Resenha do livro de AZEVEDO, Elciene (*O direito dos escravos: lutas jurídicas e abolicionismo na província de São Paulo*. Campinas. Editora da Unicamp, 2010. 256 p.). *Revista Trilhas da História, Três Lagoas*, v. 2, n. 4, jan-jun 2013, p. 219-224. Disponível em: <<http://www.cecult.ifch.unicamp.br/pf-cecult/public-files/publicacoes/67/elciene-azevedo-direitos-escravos-02.pdf>>. Acesso em: 5 maio 2014.

SOUZA E CASTRO, Luiz Antonio Muniz de. Antonio Bento, abolicionista. Biografia de um herói da Abolição da Escravatura é traçada por seu bisneto. Monografia enviada em 30/08/2009 a *Novo Milênio*. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0222p.htm>>. Acesso em: 5 maio 2014.

TRATAMENTO DISPONIBILIZA JORNAL PARA CONSULTA

Conservar e difundir o seu acervo estão entre as principais missões de uma instituição arquivística. Nesse sentido, o Arquivo Público do Estado de São Paulo está levando à frente um projeto de fundamental importância: o restauro e a digitalização de sua coleção do jornal abolicionista paulistano *Redenção*. O projeto já está bem avançado, segundo a Professora Norma Cassares, diretora do Núcleo de Conservação do Arquivo. “Começamos o trabalho de restauro em novembro de 2013, e em novembro de 2014 já estaremos passando os exemplares restaurados para a digitalização”, conta ela.

Paralelamente ao restauro e digitalização, será lançada a candidatura da coleção ao selo Memória do Mundo, da UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura). Este selo reconhece o valor do patrimônio documental, mantém registros dele e facilita seu acesso.

O Arquivo Público do Estado de São Paulo tem sob sua guarda, hoje, o que é provavelmente a coleção mais completa do *Redenção*. São 135 números do periódico, de um total de 156 edições, que era publicado duas vezes por semana. A coleção chegou ao Arquivo em 2008, proveniente do acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de São Paulo (IHGSP) e representa uma importante fonte de pesquisas para os estudiosos.

Entretanto, a consulta estava prejudicada pelo estado do periódico, que não era bom. Agora, esse problema vai ser resolvido pelo restauro, acondicionamento adequado e digitalização do *Redenção*. “O jornal é sempre um dos primeiros candidatos à digitalização, pois o seu papel é de péssima qualidade”, ensina Norma Cassares. Por conta dessa fragilidade, também, o processo de restauro está sendo bastante complexo.

Reunindo fragmentos

Um auxílio importante aos restauradores foi uma digitalização em preto e branco que já existia, a partir de um microfilme elaborado na Universidade de Harvard (EUA). Esta digitalização serviu de “guia” para reconstituir as páginas.

Num primeiro momento, foram recolhidos todos os fragmentos soltos do jornal - alguns de-

les realmente minúsculos, a ponto de precisarem ser manipulados com pinça, e examinados com lentes de aumento. Já as partes mais intactas das páginas do *Redempção* foram sendo juntadas em cima de folhas de poliéster - material que possui bastante estática, e que, portanto, “grudava” os pedaços. Cada página ficava em cima de uma folha de poliéster.

Na fase seguinte, a página de jornal foi seca, e começou a fase de reparos com papel japonês, para emendar os fragmentos menores do jornal no local ao qual eles pertenciam. A emenda é feita inclusive nos locais onde houve perda de informação irrecoverável. “Mas avaliamos que o *Redempção* perdeu muito pouco da sua informação original; no máximo, uns 10%”, diz a diretora do Núcleo de Conservação.

Em seguida o jornal foi submetido a banho por imersão em água duplamente filtrada com pH 7.0-/8.0, para remoção da sujidade entre fibras. Um novo banho foi feito com água duplamente filtrada, com pH 7.5 corrigido com hidróxido de cálcio, em temperatura ambiente. Na fase seguinte, foram feitos os reparos com papel japonês, para emendar os fragmentos menores do jornal no local ao qual eles pertenciam. A emenda foi feita inclusive nos locais onde houve perda de informação irrecoverável. Por fim, cada exemplar foi velaturado com papel japonês de baixíssima gramatura para estabilizar bem os remendos e dar mais resistência ao suporte. Devido às perdas de suporte nas margens dos exemplares, atualmente, os técnicos do Núcleo de Conservação se preparam para refilar - ou seja, cortar - as folhas do jornal reconstituídas no seu tamanho original. Pode parecer uma tarefa simples, mas são necessárias várias medições e comparações na coleção para determinar o tamanho original dessas páginas.

Num momento final, as folhas serão encapsuladas em poliéster. Assim, poderão voltar a ser consultadas sem que o jornal corra perigo. E o passo seguinte será a digitalização; já foi feito um teste que determinou que, mesmo com as folhas encapsuladas, é possível produzir uma excelente cópia digital do *Redempção*.

Todo esse trabalho vem na direção de um esforço feito pela própria instituição, no sentido de conhecer, conservar e explorar cada vez melhor o seu acervo. Com este projeto, o *Redempção* – com tudo que ele significa historicamente – sai de dentro da caixa e volta para a sociedade.

Etapas do Restauro



Foto 01: O jornal em banho desacidificador.



Foto 02: Os reparos em papel japonês preenchem as áreas de perda dos originais.

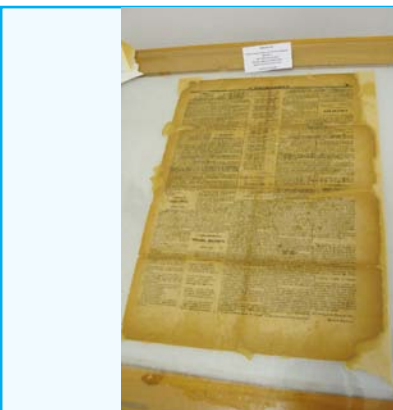


Foto 03: O jornal depois do preenchimento.



Foto 04: O Redenção restaurado, antes de ir para o invólucro de poliéster, próprio para a consulta.

SEM MEIAS-PALAVRAS

Neutralidade ou objetividade nunca foram as preocupações do *Redenção*. Mais do que um jornal, este era um panfleto comprometido com uma causa. A linguagem do jornal era forte, e não economizava adjetivos. Os redatores não tinham medo de dar nomes aos bois, mesmo numa cidade ainda pequena, onde as pessoas se conheciam – como era o caso de São Paulo daquela época.

Veja abaixo alguns exemplos da “artilharia pesada” do *Redenção*:

RADICAIS COM UMA CAUSA

“Divergimos completamente tanto dos liberaes *resistentes*, como dos escravocratas, não concordamos com as ideias conservadoras, e detestamos aqueles que, trazendo o capacete phrygio, trazem na mão o bacalhau com que quotidianamente surram os seus míseros escravos.”

“Nós queremos a liberdade imediata, sem praso; para consegui-la acceitamos a própria revolução, porque não podemos admitir que *continuem debaixo do azorrague tantos brasileiros que, livres, poderiam concorrer vantajosamente para a felicidade de nossa pátria.*”

ABAIXO A ESCRAVIDÃO

“Filha da ignorância dos povos, produto dos tempos em que a força era a única lei, a escravidão é hoje incompatível com a nossa existência; só um mesquinho interesse poderá legitimá-la, tirando della a causa de nosso atrazo e fazendo a nossa vergonha perante as nações civilizadas.”

SOBRE A SUBSTITUIÇÃO DOS ESCRAVOS POR IMIGRANTES NA LAVOURA:

“No Belém do Descalvado tem o Senhor Antônio de Camargo Neves em ferros, há muito tempo, os seguintes escravos:

Theodoro, de corrente na perna;

Guilherme, gancho no pescoço;

Mathias, pêga n’um pé;

Hugolino, correntes nas pernas;

Cyrillo, pêga n’um pé.

Vejam os leitores que fazenda boa para colonos!

“Qual o estrangeiro que, viajando pelo Brazil, aconselhará os seus patricios a virem trabalhar em um paiz, onde se carrega um homem de ferros, que não commetteu crime algum, sem que haja uma auctoridade que ponha cobro e puna o auctor de taes barbaridades?

“(…) Aos criminosos, assassinos e ladrões, condemnados a galês, se manda tirar os ferros na correição, ao passo que infelizes escravos, sem crime nenhum, são acorrentados.”

DA SEÇÃO “ÁLBUM ABOLICIONISTA”

“Em Campinas foram libertados:

Pelo Senhor Joaquim Ferreira Penteado, três escravizados;

Pelo Senhor Francisco da Rocha Leite Penteado, uma escravizada.

(…) O Senhor José Antonio da Costa Gama, fazendeiro nessa provincia, alforriou um seu escravizado, de 40 anos, que se acha alugado na Côte;

(…) O Senhor João José Nunes de Camargo, fazendeiro em Campos, fez entrega, a 27 do mez findo, das cartas de liberdade que conferira aos seus setenta escravizados.

(…)O Senhor Antonio Carlos de Almeida Nogueira, em Campinas, libertou, mediante indemnisação pecuniaria, uma sua escravizada (...).”

É FILHO OU ESCRAVO?

“O Sr. Professor Manoel Joaquim da Cunha Bueno, morador em Santa Branca, tem alu-

gado aqui em São Paulo, um pardinho, quase branco, em casa do Sr. Paes Leme. Os filhos do senhor professor tratam a esse pardinho de irmão. O pardinho é a cara do Sr. Cunha Bueno. Para uns este senhor diz ser seu escravo, para outros ser seu filho.

“Era bom que se tirasse isso a limpo (...).”

ELOGIOS A OUTROS ABOLICIONISTAS

“Há dias tivemos a grata noticia de ler em outros jornaes que a primeira folha do Brazil tinha entrado no seu quarto anno de existência.

“Nós somos suspeitos de fazer qualquer elogio ao *Paiz*.

“Admiradores de Quintino Bocayuva, Joaquim Serra e Nabuco, tudo que escrevêssemos sobre este jornal seria pouco (...).”

IMAGENS DE UMA ÉPOCA

TEMPOS DE LUTA - A ESCRAVIDÃO E O ABOLICIONISMO EM SÃO PAULO

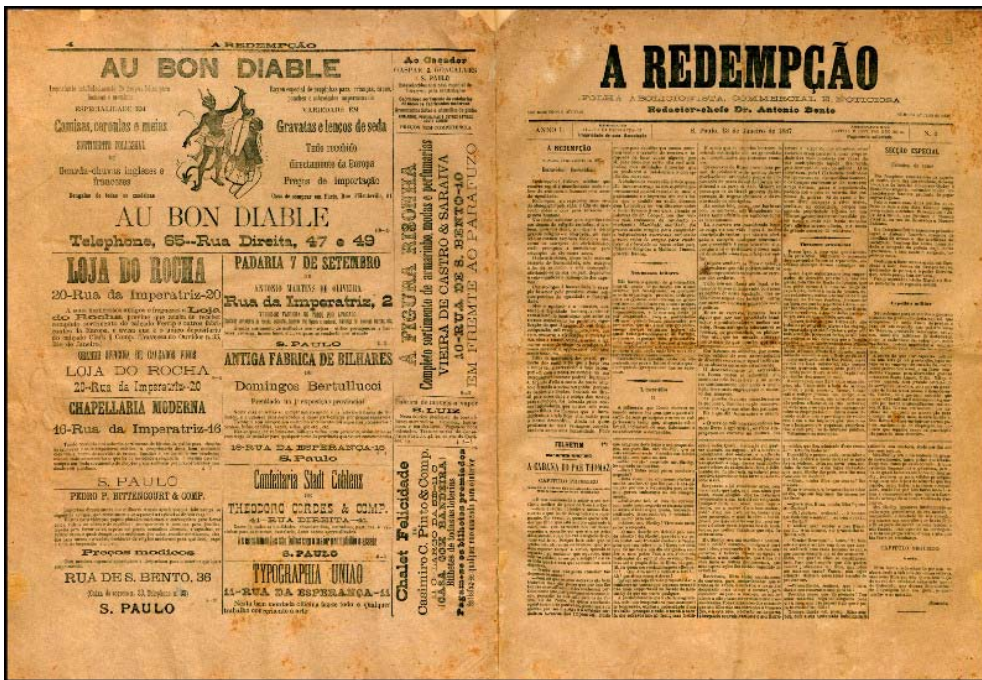
Em diversos mapas, fotos e jornais do acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo é possível distinguir as marcas deixadas pela escravidão. Mas também se encontram vestígios da luta dos abolicionistas nas últimas décadas do século XIX. Veja abaixo algumas imagens desse tempo – tão distante e, ao mesmo tempo, ainda tão próximo.



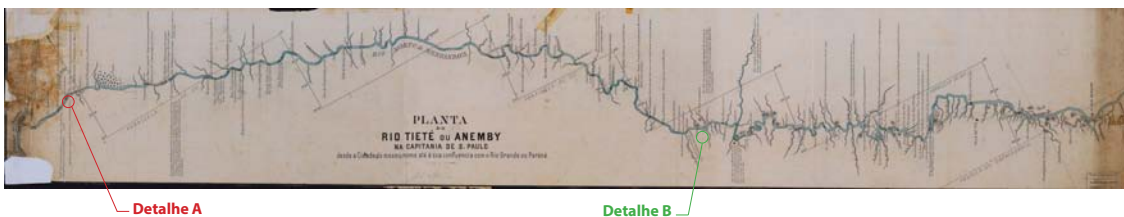
A Igreja dos Remédios, que ficava na Praça João Mendes, antigo Largo da Cadeia, em 1862. Coleção Militão Augusto de Azevedo. Apesp.



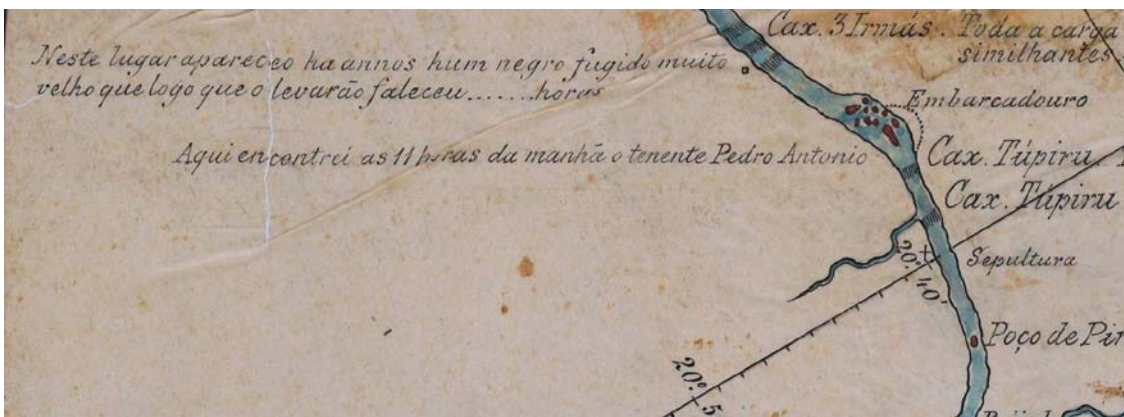
A Igreja dos Remédios em 1887. Nessa época, o jornal Redempção começou a ser impresso ali. A igreja foi demolida em 1943. Coleção Militão Augusto de Azevedo. Apesp.



O jornal *Redempção* de 13 de janeiro de 1887, no auge do movimento abolicionista. Este exemplar já passou por restauro e digitalização no Centro de Preservação do Arquivo Público do Estado de São Paulo. Coleção do Jornal *A Redempção*, pertencente à Hemeroteca do Apesp.

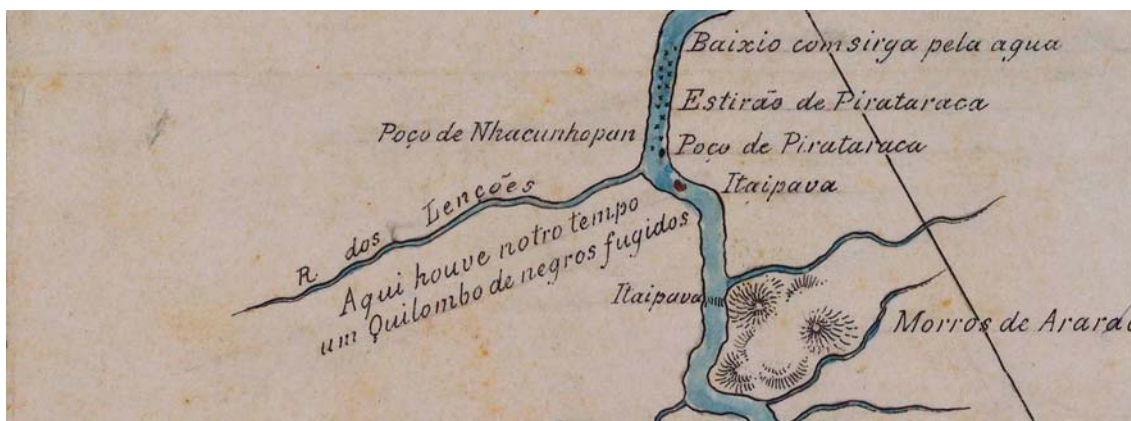


Mapa do Instituto Geográfico e Geológico elaborado em fins do século XIX, mostrando o Rio Tietê, desde sua nascente até a confluência com o Paraná. Fundo do Instituto Geográfico e Geológico (IGG). Apesp.



Detalhe A

Anotação num trecho do mapa mostra o lugar onde foi encontrado “hum negro fugido, muito velho”.



Detalhe B

Outra legenda, no mapa – próxima ao local onde hoje fica a cidade de Lençóis Paulista - indica o local de um antigo quilombo.